

# Singularidades da emigração internacional de brasileiros

Dimitri Fazito e Weber Soares \*

MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre os imigrantes em Massachusetts*. São Paulo, Paz e Terra, 1999. 204 p.

A mais importante contribuição do livro da professora Ana Cristina Braga Martes, *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre os imigrantes em Massachusetts*, é revelar, em vários campos de análise, as singularidades do atual movimento de emigração internacional de expressiva parcela da força de trabalho brasileira.

O primeiro campo de análise define-se pelo diálogo com as correntes teóricas que buscam entender a migração internacional. Martes faz um contraponto dos modelos explicativos que centram a atenção nos mecanismos causais de natureza econômica com a investigação sociológica para (a) mostrar as limitações elucidativas dos primeiros em face da emergência da emigração de brasileiros para outros países e (b) ressaltar a importância da análise sociológica para compreender o contexto mais geral em quem tais movimentos ocorrem.

Não cabe questionar aqui a importância das redes sociais para entender as migrações internacionais, como acentua o discurso sociológico. As redes “egocentradas” constituem princípio heurístico, são topologias de interação social. Aceitar, todavia, a imprecisão desse discurso quanto à importância dessas redes constitui um equívoco. Afinal, as redes sociais são

causa e/ou intensificadoras da migração internacional? Para responder essa questão é preciso levar em consideração o fato de que as redes sociais preexistem à migração e que a rede migratória não é, nem pode ser, a mesma coisa que rede social. Apesar de não tomar as redes sociais como foco de análise, a contribuição de Martes não se restringe ao caráter metafórico delas (das redes), com o qual se ocupam tantos autores.

Contraopondo-se à tendência da investigação sociológica em tomar a solidariedade entre os imigrantes de mesma nacionalidade como algo dado, Martes lança mão dessa mesma solidariedade como questão por ser investigada em relação ao contraste sócio-simbólico – o mundo do trabalho (mundo de fora) em face do mundo da religião (mundo de dentro).

Contraopondo-se também aos que defendem um perfil típico do imigrante brasileiro, a autora propõe, com base nos diferentes atributos demográficos dos imigrantes – sexo, idade, relação conjugal etc. – e nas motivações para emigrar, a existência de ao menos três perfis básicos. E quando faz notar que o fluxo migratório internacional espalha-se rapidamente por todo o país – há emigrantes tanto de estados ricos quanto de estados pobres – e identifica, de uma perspectiva histórica, as redes sociais que deram suporte a tal fluxo, Martes sinaliza duas esferas profícuas de investigação. A primeira delimita-se pelo estranhamento de que regiões marcadas por condições socioeconômicas diferentes desenvolvam, aparentemente, o mesmo padrão migratório. A segunda constrói-se em torno da assertiva de Tilly – as redes migram.

O exame do mercado de trabalho ao qual os brasileiros têm acesso em Massachusetts revela, no discurso que se limita a afirmar que esse imigrante ocupa o setor secundário desse mercado, o pacto com a inércia/homogeneidade. Não basta admitir a explicação de cunho estrutural dos

\* Doutorandos em Demografia no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

teóricos da segmentação dos mercados e fazer o registro da instância ocupacional em que se encontra o imigrante. Afinal, alerta Martes, o caráter genérico e muito rígido desse modelo mostra-se pouco operacional no caso de uma análise que busca assinalar as diferenças. E aceitar a dinâmica “evolucionista” presente nas formulações neoclássicas significa conferir à diferença uma natureza conjuntural – portanto, menos relevante.

Na apropriação das vantagens criadas pelo setor informal do mercado de trabalho, cabe buscar as singularidades relacionadas ao imigrante brasileiro no mundo do trabalho. Martes dá a conhecer um campo rico de significados e valores no qual, por exemplo, a faxina doméstica constitui símbolo de ascensão social. Nesse campo, as relações sociais não comportam, nem deveriam comportar necessariamente, solidariedade, e, sim, confiança. A venda de emprego é uma relação de natureza econômica que rege o mundo de fora (a esfera do trabalho), do “negócio, negócio, amigos à parte”.

Em contraponto a esse “fora” – a esfera da economia –, a essa situação percebida pelo emigrante brasileiro como competitiva e pouco solidária, há o “dentro” – a esfera do sagrado –, há o reconhecimento de que nas igrejas é possível desfrutar de um espaço marcado por solidariedade, confiança e ajuda mútua. Tal contraste sócio-simbólico, o sentimento de insegurança e transitoriedade vivenciado num lugar em face de outro lugar onde os laços de solidariedade podem ser estruturados, é enfatizado pelas igrejas.

Para lançar luz sobre a maneira positiva como o imigrante percebe e avalia diversos aspectos de sua experiência no destino, muitas vezes uma experiência nada confortável, a autora mostra a importância da migração de valores, identidades e solidariedades junto com os brasileiros que se fixam em Massachusetts. Fica claro como o impacto da “cultura” e da organização

social das comunidades (étnicas) é crucial para compreender o sucesso ou o fracasso das migrações.

A memória cultural, processo que incorpora contextos e tempos diferenciados, é constantemente reconstruída ao longo de gerações sucessivas. Essa dinâmica enseja, por contraste, a configuração de identidades e solidariedades das comunidades imigrantes. Contrariando as expectativas do senso comum e da literatura acadêmica, Martes deixa registrado, de maneira convincente, que os imigrantes brasileiros, embora se encontrem em uma situação em que o conflito étnico potencial não está ausente, percebem como positiva sua nova condição de vida em face de duas categorias sociais que lhes são caras: respeito e cidadania.

A natureza genérica da categoria imigrante brasileiro tende a apagar, a encobrir as clivagens existentes entre os imigrantes. Clivagens que, diante da condição mais igualitária em que eles se encontram, permitem um realinhamento hierárquico capaz de classificar “superiores” e “inferiores” à luz de referências à sua origem regional, ao seu grau de instrução, origem rural ou urbana etc. Como afirma Martes, torna-se evidente que os conteúdos possíveis da bagagem cultural não são necessariamente homogêneos e unificadores – eles recortam identidades e mostram que ter nacionalidade brasileira nem sempre é suficiente para a construção de uma identidade única.

Por fim, num campo dominado pela superficialidade das análises de fundo econômico, nas quais os processos migratórios estão, invariavelmente, associados ao mercado de trabalho, às perspectivas do custo de vida e às motivações de consumo dos migrantes, o livro da professora Ana Cristina Martes tem o grande mérito de, ao dar voz à singularidade da emigração internacional de brasileiros, realizar incursões analíticas que deslindam/respeitam a complexidade do tema.